

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES

CURSO DE JORNALISMO

SABRINA ALVARES LEGRAMANDI

Memorial Acadêmico

**SAUDADE DO QUE NÃO ACABOU: AS IDAS E VINDAS DO CINEMA DE RUA
EM SÃO PAULO**

São Paulo – SP
2023

SABRINA ALVARES LEGRAMANDI

**SAUDADE DO QUE NÃO ACABOU: AS IDAS E VINDAS DO CINEMA DE RUA
EM SÃO PAULO**

Memorial Acadêmico referente ao processo de produção do documentário “Saudade do Que Não Acabou: as idas e vindas do cinema de rua em São Paulo”, apresentado ao Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Aldo Quiroga

São Paulo – SP

2023

RESUMO

Este memorial descritivo resume o processo de produção do documentário “Saudade do Que Não Acabou: as idas e vindas do cinema de rua em São Paulo”. O filme faz um retrato afetivo da relação de pessoas que vivem não apenas na cidade de São Paulo, mas também em duas cidades no interior do estado, com cinemas na rua. Longe da capital, a maioria das salas se tornou apenas escombros e memória, enquanto, na principal metrópole do país, cinemas renascem e resistem em meio ao caos urbano e à especulação imobiliária. “Saudade do Que Não Acabou” mostra de que maneira esses locais constroem ruas mais habitáveis e resume os motivos que levam frequentadores a, mesmo tendo a opção do conforto das “cidades artificiais” dos shoppings, optarem por ir a cinemas na rua.

Palavras-chave: cinema de rua; São Paulo; afetividade; memória

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Paulo Cezar Legramandi, à minha mãe, Cristina Aparecida Miqueloto Alvares Legramandi, aos meus irmãos, Rafael Alvares Legramandi e Giovani Alvares Legramandi, e ao meu amor, Henrique Sales Barros, pelo apoio não apenas neste ano, mas durante toda a minha graduação.

Ao meu orientador, Aldo Quiroga, por toda a ajuda e conversas ao longo da produção deste TCC.

A Giovana Guedes, pelo esforço em me ajudar a finalizar este TCC.

A Reynaldo Fahra, proprietário do antigo Cine Omar, por abrir memórias tão importantes da minha e de sua família.

A Silvia Oliveira, Adhemar Oliveira, Paulo Velasco, Diane Oliveira, Marcelo Sarti, Odail Falqueiro, Paulo Vitor, Odimir Gomes Ferreira, Ubiratan Brasil, Camila Barros, Bruna Parrillo, João Costa, Marcio Costa e Maria Morales, por terem dedicado um momento de seu dia-a-dia para dar vida e cor ao documentário.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. JUSTIFICATIVA.....	8
2.1 DO TEMA.....	8
2.2 DO FORMATO.....	9
3. MEMORIAL DESCRITIVO.....	10
4. CONCLUSÃO.....	12
5. REFERÊNCIAS.....	13
6. ANEXOS.....	17
6.1 FONTES.....	17
6.2 FICHA TÉCNICA.....	17

1. INTRODUÇÃO

Todos os filmes, no fundo, declaram um amor pelo cinema. A declaração, porém, é direta em “Cinema Paradiso”, longa dirigido por Giuseppe Tornatore em 1988. No final, vemos um protagonista, Toto, agora cineasta de sucesso, assistindo a cenas que não pôde ver. Antes, porém, ele se depara com a vida real: um Cinema Paradiso em ruínas, que, mais tarde, dá lugar a um estacionamento.

Andando pelo centro de São Paulo, poucos param para pensar que estas mesmas ruínas também estão presentes em prédios, estacionamentos, igrejas evangélicas. O lugar já abrigou a Cinelândia e cerca de 30 cinemas nos anos 1960, segundo um levantamento da Prefeitura de São Paulo.

Destes, poucos sobreviveram. Os cinemas de rua que continuam de pé na capital paulista fazem parte de prédios tombados, ganharam investimento de empresas privadas, estão prestes a fechar ou sobrevivem pela “teimosia” dos que os querem funcionando.

Vários foram os “baques” que esses locais sofreram. O primeiro, ainda em 1970, ganhou nome de general da Ditadura Militar. O famoso Elevado Presidente Costa e Silva – que, depois, teve o nome alterado para Elevado Presidente João Goulart –, mais conhecido como “Minhocão”, foi o responsável pela degradação do centro e, conseqüentemente, da Cinelândia paulistana.

Em seguida, vieram a segurança e o deslumbramento dos shopping centers. Depois, os serviços de streaming chegaram com a sedutora possibilidade de assistir a filmes no conforto de casa. A pandemia da covid-19 terminou fazendo com que os cinemas, por conta de medidas de segurança, ficassem com as salas vazias.

Este último fenômeno causou uma crise entre os cinemas de rua que ainda não havia sido vista na história recente. O Cinesala, em Pinheiros, teve de contar com um projeto de financiamento coletivo. O Anexo do Espaço Itaú de Cinema, na Rua Augusta, está prestes a ser transformado em um prédio.

No interior do estado, porém, cinemas de rua mal possuem a possibilidade de abrir as portas. O Cine Omar, famosa sala em Piratininga, pequena cidade próxima a Bauru, não vê a luz do sol desde que se tornou apenas mais um imóvel abandonado em um centro vazio aos fins de semana.

Como sempre, há aqueles que “nadam contra a maré”. No lugar de um estacionamento no centro, o Cortina Cineclube surgiu em 2022 para mostrar que o caminho contrário é possível. O Cine LT3 foi inaugurado no mesmo ano por um casal que queria “apenas” ter um cinema de rua.

Este Trabalho de Conclusão de Curso relata, por meio de um documentário, o que faz com que alguns cinemas de rua ainda sobrevivam — e voltem a abrir —, mesmo em meio a dificuldades. Afinal, registrar em vídeo histórias, memórias e detalhes é, também, uma maneira de mostrar o quanto esses lugares podem influenciar e fazer parte da vida das pessoas, inclusive da própria autora.

2. JUSTIFICATIVA

2.1 DO TEMA

A ensaísta Sílvia Fernandes, quando traçou o cenário dos teatros de rua no bairro do Bixiga em “Teatralidades Contemporâneas”, escreveu: “A morte na alma é o resultado mais danoso da anestesia sensível e social que o cidadão paulistano experimenta, gota a gota, pelo simples fato de viver num espaço público que recusa sua destinação precípua, sonegando a seu habitante justamente a coisa pública”.

A autora, ao falar sobre a “elitização de uma arte que nunca foi exatamente popular neste país”, descreveu os ostensivos shopping centers com revestimentos de vidro no exterior como locais que “ao mesmo tempo que espelham, repelem a cidade do lado de fora”.

É certo que os teatros sofreram com o aprisionamento do que ela também descreve como “cidades autônomas”, mas, em um país onde a cultura se tornou dispensável ou artigo de luxo, os cinemas também passam pelo mesmo processo. Talvez até de maneira mais evidente.

Lutar para manter cinemas de rua abertos vai muito além de um gosto tão na moda por coisas “antigas” – ou “retrô”. As salas representam a possibilidade de um cinema mais acessível e democrático: combos de pipoca e ingressos são vendidos por preços mais baixos se comparados aos de shopping e ainda há a possibilidade de assistir tanto blockbusters quanto filmes fora do “circuito comercial”.

Claro que, em uma cidade tão desigual quanto São Paulo, a possibilidade de frequentar cinemas de rua se limita a pessoas que vivem próximas do centro ou enfrentam duas horas de locomoção até uma das salas. No estado na totalidade, ir a cinemas de rua se tornou um hábito restrito a livros de História. O documentário foi realista e buscou não ignorar esses dois fenômenos.

Os cinemas de rua que ainda resistem em São Paulo são frequentados por um público que, na maioria das vezes, é fiel e mantém memórias de encontros, amores e descobertas em meio ao caos urbano. Lembrar o motivo de tais salas ainda permanecerem abertas é uma forma de evitar que, assim como ocorreu no interior do estado, os cinemas de rua se tornem apenas registros em artigos de historiadores.

2.2 DO FORMATO

Não há melhor maneira de registrar o cinema se não pelo cinema. Foi pensando nisso que avaliei que o formato de documentário seria o ideal para a produção deste Trabalho de Conclusão de Curso, ainda que tenha sido um desafio pessoal, como descreverei mais abaixo.

Com a montagem, visei traçar um modelo de “contação de histórias” em que cada cinema é descrito pelo olhar pessoal de frequentadores e dos próprios proprietários. Com ele, tive em vista criar uma espécie de “conversa” entre quem assiste e quem possui memórias ligadas a salas na rua.

3. MEMORIAL DESCRITIVO

Como dito acima, o formato de documentário foi um desafio pessoal. Meu primeiro ano de graduação foi repartido entre o modelo presencial no primeiro semestre e o à distância no segundo semestre do curso. Por esse motivo, tive meu primeiro contato com equipamentos de vídeo apenas após o retorno às aulas presenciais.

Dei início ao meu Trabalho de Conclusão de Curso com o desafio de “recuperar o tempo perdido” da falta de treinamento com a parte técnica da produção de um documentário. Muitos recursos e “modos de se fazer” foram descobertos durante esse processo.

O primeiro semestre de produção foi dedicado à pesquisa e às gravações de entrevistas e imagens de apoio. Comecei já com uma viagem a Piratininga para filmar o Cine Omar em ruínas, algo que só foi possível graças ao auxílio do dono do prédio, Reynaldo Fahra.

Na sequência, contatei proprietários de cinemas de rua na cidade de São Paulo, que também se mostraram muito receptivos. Algumas conversas, como as filmadas no Anexo do Espaço Itaú, foram organizadas em contato com assessorias de imprensa e outras, como no Cineclubes Cortina, em contato com os próprios donos.

O maior desafio com as entrevistas se relacionou com frequentadores de cinemas de rua. No início do ano, criei um formulário que circulou por grupos de pessoas que se interessam pelo tema — o que me rendeu apenas um entrevistado.

O restante foi arranjado em conversas com pessoas próximas ou em visitas a salas. Todas foram gravadas no próprio estúdio de vídeo da PUC-SP.

Em minha última gravação para o documentário, levei a câmera ao Anexo do Espaço Itaú e gravei entrevistas com pessoas que estavam no local. Devido ao tempo de duração do filme, essa parte acabou excluída, assim como uma das entrevistas feitas no estúdio da PUC-SP.

O segundo semestre foi dedicado à roteirização e edição. Por conta da quantidade de material gravado, considero o roteiro como a parte mais desafiadora da produção. A montagem também foi feita por mim, apenas com algumas alterações em relação ao roteiro original.

Resolvi que seria preciso uma ajuda no processo de finalização devido a outras demandas do curso e à minha pouca experiência com ajustes de áudio e vídeo. Para isso, contei com o auxílio da Giovana Guedes, que também havia sido aluna da PUC-SP, recomendada por uma amiga que teve o TCC editado por ela.

Juntas, pensamos em maneiras de acertar problemas na estabilização e em áudios com chiado. Giovana também foi responsável por incluir a parte textual do vídeo, além de deixar o vídeo em uma coloração mais “quente” — pensada pela relação do tema com o conforto e afetividade.

Com a ajuda dela, do meu orientador, Aldo, e dos funcionários do estúdio de vídeo da PUC-SP, Cris Terra, Eduardo Moura e Vincenzo Villani, consegui superar os obstáculos relacionados à parte técnica do documentário.

4. CONCLUSÃO

Eventuais dificuldades foram superadas e o documentário, para além de refletir a afetividade para os entrevistados retratados em vídeo, representou memórias pessoais. O início contou com a narração da primeira lembrança que tenho: entrando em uma sala de um cinema de rua já extinto em minha cidade natal.

O filme visou retratar, em detalhes, algumas das poucas salas que ainda resistem e existem na cidade de São Paulo. O objetivo principal foi mostrar que, mesmo que muitos cinemas tenham padecido, ainda há aqueles que insistem em continuar abertos — ou até a abrirem.

Mostrar o quanto a cultura é e pode ser forte no país também é uma maneira de demonstrar como ela perpassa a vida das pessoas. Afinal, não há melhor maneira de evitar a “morte na alma” descrita por Silvia Fernandes se não com teatros, cinemas e arte.

5. REFERÊNCIAS

A Cinelândia Paulista entre passado, presente e futuro. **Cidade de São Paulo: Cultura**, São Paulo, 8 out. 2010. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/patrimonio_historico/ladeira_memoria/index.php?p=8381. Acesso em: 1 dez. 2022.

ARAÚJO, Vicente de Paula. **Salões, circos e cinema de São Paulo**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

BALBI, Clara. Cinemas de rua abandonados ressurgem em SP e viram tema de documentários. **Folha de S.Paulo**, 6 nov. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/11/cinemas-de-rua-abandonados-ressurgem-em-sp-e-vm-am-tema-de-documentarios.shtml>. Acesso em: 16 fev. 2023.

BERNARDET, Jean-Claude. **Cinema brasileiro: propostas para uma história**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. A magia de uma permanente de cinema. **Estadão**, 01 mar. 2019. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/ignacio-de-loyola-brandao/a-magia-de-uma-permanente-de-cinema/>

BRASIL, Ubiratan; QUEIROZ, Tiago. Porteiro José Monteiro recebe os últimos ingressos do Espaço Itaú de Cinema Anexo, na Rua Augusta. **Estadão**, 16 fev. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/cinema/porteiro-jose-monteiro-recebe-os-ultimos-ingressos-do-es-paco-itaui-de-cinema-anexo-na-rua-augusta/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

CINE Bijou: tradicional cinema de SP volta a funcionar na Praça Roosevelt depois de mais de duas décadas. **G1**, São Paulo, 22 jan. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/01/24/cine-bijou-tradicional-cinema-de-sp-volta-a-funcionar-na-praca-roosevelt-depois-de-mais-de-duas-decadas.ghtml>. Acesso em: 1 dez. 2022.

CINE São Paulo. Direção: Felipe Tomazelli e Ricardo Martensen. Produção de Felipe Tomazelli e Ricardo Martensen. Brasil: Sem Distribuidor, 2017.

CINEMA Paradiso. Direção: Giuseppe Tornatore. Produção de TF1 Films Production. França/Itália: Columbia Pictures do Brasil, 1988.

DEMEROV, Barbara. Sagas heroicas: cinemas de rua buscam fórmulas criativas para resistir. **Veja São Paulo**, 18 fev. 2023. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/coluna/filmes-e-series/cinemas-de-rua-resistem>

DURVAL, Nathalia. Cineclube Cortina é inaugurado em antigo estacionamento com cinema, shows, festas e bar. **Folha de S.Paulo**, 22 jul. 2022. Disponível em: <https://guia.folha.uol.com.br/passeios/2022/07/cineclube-cortina-e-inaugurado-em-antigo-estacionamento-com-cinema-shows-festas-e-bar.shtml>

DURVAL, Nathalia. Conheça o novo cinema de rua de SP, o Cine LT3, que tem clima retrô em Perdizes. **Folha de S.Paulo**, 28 set. 2022. Disponível em: <https://guia.folha.uol.com.br/cinema/2022/09/conheca-o-novo-cinema-de-rua-de-sp-o-cine-lt3-que-tem-clima-retro-em-perdizes.shtml>

EDIFÍCIO Master. Direção: Eduardo Coutinho. Produção de VideoFilmes. Brasil: VideoFilmes, 2002.

ELENA. Direção: Petra Costa. Produção de Busca Vida Filmes. Brasil: Espaço Filmes, 2012.

FERNANDES, Silvia. Teatro-Cidade. In: FERNANDES, Silvia. **Teatralidades Contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 2013. p. 71-81.

FIGUEIREDO, Patrícia. Estacionamento é transformado em cinema de rua no Centro de SP; 'Estamos fazendo o caminho contrário', diz sócio. **G1**, São Paulo, 22 jul, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/07/22/estacionamento-e-transformado-em-cinema-de-rua-no-centro-de-sp-estamos-fazendo-o-caminho-contrario-diz-socio.ghtml>. Acesso em: 1 dez. 2022.

GOMES, Karina Sérgio. Justiça decide que Anexo do Espaço Itaú de Cinema deve seguir aberto. **Metrópoles**, 01 mar. 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/sao-paulo/roteiro-sp/cinema-sp/justica-decide-que-anexo-do-espaco-itaude-cinema-deve-seguir-aberto>

HAMA, Lia. Cinemas de rua driblam a 'morte' e vivem nova onda em São Paulo; conheça. **UOL**, 30 mar. 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/nossa/noticias/redacao/2023/03/30/cinema-de-rua.htm>

MACEDO, Sandro. Charmoso, Cinesala vence categoria de melhor cinema de rua na avaliação da Folha. **Folha de S.Paulo**, 16 mar. 2023. Disponível em: <https://guia.folha.uol.com.br/cinema/2023/03/charmoso-cinesala-vence-categoria-de-melhor-cinema-de-rua-na-avaliacao-da-folha.shtml>

MÁQUINA do Desejo – 60 anos de Teatro Oficina. Direção: Lucas Weglinski e Joaquim Castro. Produção de Agalma Filmes e Opy Filmes. Brasil: Descoloniza Filmes, 2023.

Márcia Bessa e Wilson Oliveira Filho, Nas ruas dos cinemas, cinemas nas ruas, cinemas de rua: a cidade como uma questão cinematográfica, **Ponto Urbe [Online]**, 15 | 2014, posto online no dia 30 dezembro 2014, consultado em 1 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2536>; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.2536>

NEIVA, Leonardo. Seria o fim do cinema de rua no Brasil?. **Gama**, 12 dez. 2020. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/sociedade/seria-o-fim-do-cinema-de-rua-no-brasil/>. Acesso em: 1 dez. 2022.

NUNES, Egberto. Na laje e no campo de várzea, cineclubes levam o cinema para as periferias de SP. **Agência Mural**, 10 jun. 2022. Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/na-laje-e-no-campo-de-varzea-cineclubes-levam-o-cinema-para-as-periferias-de-sp/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

Omar (Piratinga - SP). **Salas de Cinema de São Paulo**. Disponível em: <http://www.cinemasdesp2.com.br/2008/11/omar-piratinga-sp.html>

QUANDO As Luzes das Marquises se Apagam – A história da Cinelândia paulistana. Direção: Renato Brandão. Produção de Amanda Ferreira e Renato Brandão. Brasil: Sem Distribuidor, 2018.

REIS, Ricardo Alexandre dos. Cinesesc tem programação com shows, debates e cinema de graça. **Estadão**, 29 nov. 2018. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/teatro-e-danca/cinesesc-tem-programacao-com-shows-debates-e-cinema-de-graca/>

RESENDE, Nívea. As salas de cinema que resistem em São Paulo. **BBC News Brasil**, 26 jan. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55637124>

RETRATOS Fantasmas. Direção: Kleber Mendonça Filho. Produção de CinemaScópio. Brasil: Vitrine Filmes, 2023.

ROSENFELD, Anatol. **Na Cinelândia paulistana**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

SORIANO, Antonio Ricardo. Cinesala: o tradicional cinema de rua do bairro de Pinheiros. **Salas de Cinema de São Paulo**. Disponível em: <http://www.cinemasdesp.com.br/2013/12/cine-sabesp-o-tradicional-cinema-de-rua.html>

SORIANO, Antonio Ricardo. Grandes empresários da exibição cinematográfica: Adhemar Oliveira. **Salas de Cinema de São Paulo.** Disponível em: http://www.cinemasdesp.com.br/2009/02/grandes-empresarios-da-exibicao_15.html

XAVIER, Ismail. **A experiência do cinema.** 2. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2018.

6. ANEXOS

6.1 FONTES

Reynaldo Fahra, dono do antigo Cine Omar, em Piratininga

Paulo Velasco, sócio da Cinesala

Silvia Oliveira, dona do Café Fellini, no Anexo do Espaço Itaú na Augusta

Adhemar Oliveira, administrador do Anexo do Espaço Itaú na Augusta e sócio da Cinesala

Diane Oliveira, sócia do Cine LT3

Marcelo Sarti, sócio do Cineclubes Cortina

Odail Falqueiro, frequentador do antigo Cine Omar

Paulo Vitor, frequentador do antigo Cine Omar

Odimir Gomes Ferreira, frequentador do antigo Cine Omar

Ubiratan Brasil, frequentador de cinemas de rua

Camila Barros, frequentadora de cinemas de rua

Bruna Parrillo, frequentadora de cinemas de rua

João Pedro Della Mônica Costa, frequentador de cinemas de rua

Marcio Costa, frequentador de cinemas de rua

6.2 FICHA TÉCNICA

Direção, Roteiro, Fotografia e Montagem: Sabrina Legramandi

Finalização: Giovana Guedes

Orientação: Aldo Quiroga

Música: Chico Buarque – Roda Viva (Festival de Música Popular Brasileira de 1967, TV Record)

Efeitos Sonoros: Pixabay

Locução Final: Henrique Sales Barros